A INUTILIDADE DA NATUREZA EM MANOEL DE BARROS COMO PROPOSTA SUBVERSIVA NAS AULAS DE GEOGRAFIA

THE INUTILITY OF NATURE IN MANOEL DE BARROS AS A SUBVERSIVE PROPOSAL IN GEOGRAPHY CLASSES

LA INUTILIDAD DE LA NATURALEZA EN MANOEL DE BARROS COMO PROPUESTA SUBVERSIVA EN LAS CLASES DE GEOGRAFÍA

ALINE MELLO CAMPOS
Secretaria de Estado da Educação (SEEDUC), Faculdade de Formação de Professores/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) – São Gonçalo/RJ.
E-mail: amellocampos@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada em uma turma de 1ª série do Ensino Médio de uma escola pública estadual na periferia de São Gonçalo. Esta pesquisa traz a poesia de Manoel de Barros para se pensar a natureza de uma perspectiva mais humana, rompendo com uma visão de natureza como recurso e mercadoria, como é tratada de maneira tradicional pela Geografia – principalmente em seus livros didáticos. Tal estudo revelou que aprender Geografia através da poesia de Manoel de Barros promove mudanças de atitudes em relação ao meio ambiente. Dar sentido ao meio ambiente urbano, onde o aluno vive, e mudar a maneira de entender a natureza é a proposta das aulas de Geografia tratadas nesse texto. As aulas foram dialogadas, houve produção de poesias e relatos (pois nem todo mundo é poeta), além de desenhos. Os alunos, uns mais outros menos, falaram sobre a sua relação de respeito à natureza e relataram a sua relação poética com ela. Porém, alguns não conseguiram ver poesia na natureza degradada da periferia, mesmo assim reconheceram a sua importância para a vida humana, muito além de vê-la coisificada.

Palavras-chave: poesia, ensino de geografia, Manoel de Barros.

Abstract: This article is the result of a research in a high school class at a public school in São Gonçalo periphery, that brings Manoel de Barros' poetry to think the nature in a human perspective, breaking a conception of nature as resource and goods as it is treated in a traditional way by Geography, mainly by the school book. The research showed that learn Geography through Manoel de Barros' poetry promotes change in relation to the environment. Bring sense to the urban environment where the student live sand change the way to understand nature is the proposal of the Geography classes discussed in this text. The students, some more than others, talked about their respectability relation with the nature. However, some students weren't able to see poetry in degraded nature in periphery. Even so, they recognized it values in human life, far beyond considering it as a thing.

Keywords: poetry, geographyteaching, Manoel de Barros.

Resumen: Este artículo es el resultado de una investigaciónen una clase de secundaria de primer grado en una escuela pública estatal em las periferias de São Gonçalo, que trae la poesía de Manoel de Barros para pensar em la naturaleza desde una perspectiva más humana, rompiendo con una visión de la naturaleza como recurso y mercancía como es tradicionalmente tratada por la geografía, especialmente en sus libros de texto. La investigación reveló que aprender geografía a través de la poesía de Manoel de Barros promueve cambios en las actitudes hacia el medio ambiente. Dar sentido al entorno urbano donde vive elestudiante y cambiar la forma de entender lanaturaleza es lapropuesta de lasclases de geografía tratadas en este texto. Los estudiantes, algunos menos, hablaron sobre su relación de respeto por la naturaleza y relataron su relación poética conella. Pero algunos de ellos no podían ver la poesia em la naturaleza degradada de la periferia, aunasí, reconocieron su importancia para la vida humana, más allá de ver la como algo.

Palabras clave: poesía, enseñanza de la geografia, Manoel de Barros.

Introdução

Este texto é fruto de uma pesquisa realizada no 4º bimestre de 2016 com alunos da turma 1004 do 1º ano do Ensino Médio de uma

escola da rede pública estadual do subúrbio de São Gonçalo, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A proposta da pesquisa foi trabalhar meio ambiente e Geografia com a poesia de Manoel de Barros na perspectiva de romper com uma visão cartesiana ao propor a vivência do meio ambiente do bairro suburbano em que vivem. Este é um meio ambiente poluído, degradado e sem importância para o morador que, a partir do olhar inspirado em Manoel de Barros, pode ganhar sentido ao se basear na concepção didático-pedagógica desenvolvida pelo docente.

A poesia é importante no ensino de Geografia, porque rompe com uma concepção cartesiana de mundo, além de ir contra o mercado. Ela possui a capacidade de revelar o inaudito e de subverter a ordem de uma escola e de uma sociedade que insistem em reproduzir práticas cristalizadas ao invés de transformar essa escola e essa sociedade, o que torna, por isso, a proposta de aula subversiva.

A Geografia busca fazer com que os alunos pensem essa sociedade voltada para o lucro e que produz espaços de exclusão. O uso da poesia pode trazer a consciência de maneira nova, inaugural e prazerosa a relação com a natureza.

A metodologia trabalhada parte de uma pesquisa qualitativa, pois possibilita compreender o modo como os diferentes sujeitos dão sentido às suas vidas e estão comumente a questionar os sujeitos da investigação, como interpretam as suas experiências e o modo como estruturam o mundo social em que vivem (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Seus aportes teórico-metodológicos ajudam na compreensão do processo de apreensão das interpretações e representações construídas pelos sujeitos (estudantes das escolas), com seus espaços de vivência e experiência, permitindo perceber que a produção do espaço é, ao mesmo tempo, material e simbólica.

Desta maneira, como instrumento de pesquisa, foram utilizadas as atividades desenvolvidas pela professora, além do questionário e da produção dos estudantes de suas próprias poesias com um olhar sobre o meio ambiente local do bairro suburbano na perspectiva do ínfimo.

Este trabalho dedicou-se a pensar a relação das aulas de Geografia a partir da poesia e, para isso, recorreu-se a Sacramento (2012), Libâneo (2011) e Haesbaert (1997). Foi abordado o ensino de meio ambiente para alunos do subúrbio e perguntado se ainda caberia um ensino deste tema geográfico cartesiano e tradicional.

A seguir, apresentaremos a metodologia aplicada nessas aulas e os frutos colhidos através dos desenhos e poesias produzidos pelos estudantes, além de um questionário que valeu como avaliação. Este questionário retratou muito bem o entendimento da proposta da aula pelos alunos e mostrou que eles saíram mais conscientes dessa aula, pois pensar a inutilidade da natureza, isto é, sua dimensão não comercial, a partir de Manoel de Barros é pensar de maneira nova a relação homem-natureza.

As aulas de Geografia a partir da poesia

As autoras Castellar e Vilhena (2012) argumentam ser essencial dar a todos não o ensino de Geografia, mas uma "educação geográfica" para compreender as questões práticas do cotidiano, bem como uma interpretação e análise dos diferentes fenômenos geográficos para que o docente envolva o estudante, fazendo com que ele entenda o significado desses fenômenos em seu espaço geográfico. Segundo as autoras:

> A educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos. Isso porque a vida em sociedade é dinâmica, e o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e da técnica, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares (CASTELLAR; VILHENA, 2012, p. 9-10).

Desta forma, podemos dizer que a disciplina Geografia tem como um de seus objetivos analisar as interações entre a sociedade e a natureza por meio de estudos que permitam compreender as diferentes formas de articular as ações realizadas no espaço geográfico em diferentes tempos históricos, uma vez que as contextualizações são importantes para que o estudante entenda as diversas contradições existentes em cada cultura.

As autoras oportunizam uma rica contribuição às nossas pesquisas sobre o ensino de meio ambiente a partir da poesia. Elas discutem sobre dialetizar a experiência, ou seja, é preciso diversificar o pensamento e superar as certezas, reorganizando as ideias e os saberes.

O professor consciente do que seja meio ambiente para a ciência recontextualiza o seu conhecimento e o transforma em conhecimento escolar através da poesia, que é o caminho da mediação para que a elaboração de novos conceitos e novos significados para o aluno da periferia se potencialize.

Quando aliamos a poesia à Geografia, estamos promovendo "educação geográfica", pois a poesia, em seu caráter subversivo, revela os espaços invisíveis e o currículo oculto. Olhar o lugar em que vive desnaturalizando-o permite que o aluno desvende suas práticas

espaciais cotidianas e, assim, poderemos falar em uma educação geográfica.

Nas aulas de Geografia, não deveria haver separação entre sensibilidade e razão, poesia e ciência. Sabemos da dicotomização que a Modernidade impõe à ciência e à arte. A ideia não é se render a essa armadilha, mas buscar diferentes alternativas para ensinar a disciplina e torná-la mais significativa para os estudantes. A aula é um instrumento poderoso de conhecimento sobre o mundo a partir do momento em que o professor saiba a sua produção e compreenda que planejar, elaborar, desenvolver e organizá-la não é um trabalho simples, mas requer uma gama de conhecimentos geográficos e pedagógicos para que a aprendizagem do estudante seja, de fato, um acontecimento. Assim, Sacramento (2012) traz a importância de pensar a aula que, para ela:

> [...] é o momento essencial do processo de ensinar. É a atividade na qual os professores precisam organizar a interação entre o aluno e o saber, e promover o ato consciente sobre seu trabalho, estabelecendo uma relação entre os conhecimentos específicos e os pedagógicos, para elaborar as atividades de aprendizagem que desenvolvam os níveis cognitivos dos alunos (SACRAMENTO, 2012, s/p).

Quando se entende que a aula é esse momento essencial, único, um "ato consciente", torna-se uma responsabilidade e, ao mesmo tempo, uma autonomia autoral para o docente que precisa compreender e mediar a aula, a fim de que ele tenha liberdade de pensá-la e construí-la para a aprendizagem dos estudantes. Libâneo sugere que, para um ensino eficaz, há um professor-mediador. Para ele:

> O papel do professor, portanto, é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos para o estudo, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem. Não há ensino verdadeiro se os alunos não desenvolvem suas capacidades e habilidades mentais, se não assimilam pessoal e ativamente os conhecimentos ou se não dão conta de aplicá-los, seja nos exercícios e verificações feitos em classe, seja na prática da vida (LIBÂNEO, 2011, p.91).

Tomar consciência da responsabilidade e liberdade criadora para inserir outros tipos de linguagens com o propósito de pensar uma prática de ensino de Geografia voltada para a aprendizagem significativa dos estudantes requer torná-los sujeitos ativos do processo da construção de conhecimento em sala de aula. Assim, junto com a poesia e seu caráter revolucionário, veio o desenho e a produção de poesias sobre meio ambiente assinadas pelos alunos, isto é, de autoria deles.

O geógrafo Rogério Haesbaert (1997), diz que poesia é para ele:

> Sinônimo de emoção e ritmo, a poesia geralmente rompe com a linearidade e funcionalidade promovidas pelo mundo moderno capitalista, onde a 'forma deve seguir a função', e difunde o lúdico, o poder criador e a liberdade da imaginação. Apenas por isso a poesia já seria revolucionária (HAESBAERT, 1997, p. 22).

Acreditando na revolução que a poesia pode fazer, trazê-la para as aulas de geografia possibilita um repensar das práticas pedagógicas, pois esta linguagem, como destaca o autor, tem ritmos e emoções próprias. Pensar poeticamente os conteúdos e conceitos

geográficos nada reduz o seu conhecimento, pelo contrário, proporciona aos alunos pobres da periferia ter contato com algo (poesia) que "não existe para a burguesia nem para as massas contemporâneas" (PAZ, 1982, p, 297 apud HAESBAET,1997,p.23)

O grande valor da poesia é, justamente, a sua inutilidade revolucionária. Para Haesbaert (1997, p. 23):

> A poesia tem um caráter duplamente 'revolucionário': primeiro porque vai contra o mundo-mercadoria que cada vez mais domina a face do planeta, e seu caráter lúdico torna-se transgressor: ela não pertence à lógica e ao mundo da compra-e-venda. A poesia é gratuita, 'não tem finalidade', sua utilidade é sua in-nutilidade: mostrar ao mundo da produção da imaginação e da sensibilidade, incontrolável mundo dos sentidos do qual a razão nunca vai tomar posse.

Quando se opta pela poesia nas aulas de Geografia para problematizar o meio ambiente e a sustentabilidade, pode-se perceber um outro olhar sobre pensar esse tema na sala de aula, pois se trabalha com uma linguagem pouco comum para os estudantes. Santana Filho (2015, p. 136) diz que "o mundo sustentável não será produzido nem iniciado na escola. Ao menos nessa escola que temos" e acrescenta que:

> [...] devemos nos questionar quando às condições de vida e estudo a que os alunos da escola pública estão submetidos, e se tal ambiente, o da casa, oferece alguma chance de viver e pensar outra maneira de sustentabilidade. Pensemos nas condições de sobrevivência das famílias, suas formas de habitar, comungar os espaços, circular na cidade, de conviver e ser. Em todos esses momentos o mesmo bombardeio do consumismo, do sucesso educativo como condição para o acesso ao consumo, à ostentação e ao individualismo.(SANTANA FILHO,2015,p.137)

Sobre a discussão de Santana, podemos concluir que as aulas sobre meio ambiente e sustentabilidade não vem cumprindo seu papel conscientizador e transformador. Nossos melhores alunos da rede pública serão os futuros consumistas, ostentadores e individualistas da nossa sociedade contemporânea. A maneira para romper com essa aula sobre sustentabilidade que não promove mudança real de mentalidade foi a poesia, pelo seu caráter revolucionário de que nos fala Haesbaert (1997); levar os alunos a pensar poeticamente até a aridez do seu cotidiano, mas sem esquecer de incentivá-los a reinventar e levá-los a sonhar com espaços de esperança.

Nada mais educativo para entender o papel da poesia nas aulas de Geografia no subúrbio do que esta citação de Haeney (s/a), *apud* Haesbaert (1997, p. 29): "a nobreza da poesia, dizia Wallace Stevens, é que ela 'é uma violência do interior que nos protege de uma violência exterior'. É a imaginação rechaçando as pressões da realidade". E não são poucas as violências do exterior: pobreza, tráfico de drogas, ausência do Estado, problemas urbano-ambientais entre muitos outros que poderia enumerar aqui, enquanto a poesia é a violência interior que deixa os jovens mais vivos, mais lúcidos e mais inteiros.

E a Geografia, como articulá-la com a poesia? Haesbaert(1997) assim nos diz:

> Como a escolha de um símbolo não pode privar-se de toda a referência ao "real", podemos associar essas reflexões ao nosso campo, a Geografia, e lembrar que muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. (HAESBAERT, 1995, p. 24)

A citação que Haesbaert(1997) sobre os pensamentos de Frémont:

> É uma nova geografia que há de inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à literatura e à arte e homens de letras a par da geografia. As especializações atuais progridem muito pouco neste sentido. Em última análise, a pedagogia do espaço deve ser criativa. (...) sobretudo quando se impõe como a elaboração de documentos de síntese que fazem apelo a uma certa imaginação, ao mesmo tempo que ao espírito de análise. Mas é preciso ir mais longe, incitar à crítica do que existe, recusar a ordem do "standard", suscitar a elaboração de projetos que dêem aos lugares habitados, aos espaços de reunião, às regiões a viver, as cores e as formas, as necessidades e os sonhos das imaginações jovens. Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço. Uma pedagogia nova para um espaço vivido deve tomar em conta essas quatro exigências. (FRÉMONT, 1980 [1976], p. 162 *apud* HAESBERT, 1997, p. 30)

Assim como Haesbaert (1997), ao destacar Frémont(1980), nos propõe essa Geografia a se inventar, procuramos transformar as aulas de Geografia com os estudantes da periferia de São Gonçalo em lugar de poesia, para descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço.

A natureza pequena e despercebida de Manoel de Barros nas aulas de Geografia

Para Moreira (2012, p. 105), "compreender o ambiental como arranjo espacial supõe entender o próprio arranjo como um duplo de caráter social e natural ao mesmo tempo". Portanto, meio ambiente, para o autor, "é a leitura ambiental em Geografia. É esta dinâmica de interações e estrutura de escala que movimenta os fenômenos

entre os lugares e faz do espaço geográfico um todo de arranjo dinâmico, o alicerce de uma Geografia ambiental".

A importância de se ensinar meio ambiente nas aulas de Geografia é promover uma visão holística da natureza e do homem como sujeito, e não mais um meio ambiente encarado como recurso e o homem como consumidor.

Para Castellar e Vilhena (2012, p. 99):

> Para se trabalhar especificamente com conceitos como paisagem, região, espaço, território, lugar e meio físico, é necessário que haja um certo conhecimento dos fundamentos epistemológicos referentes à compreensão desses conceitos e suas mudanças na história do pensamento geográfico, bem como na geografia escolar.

Por abordar o conceito de natureza na perspectiva da Geografia e trazê-lo para a Geografia escolar como conteúdo atitudinal, capaz de promover uma mudança de atitude em relação ao meio ambiente tanto local como global, promove aprendizagem desse conceito entre os alunos da rede pública da periferia de São Gonçalo, pois o aproxima da vida cotidiana.

Partimos de Moreira (2012) que, ao pensar natureza, nos diz que:

> É elementar compreender-se que tanto a natureza quanto o social pelo social não fazem parte da vida e das preocupações do ser humano. Natural e social são determinações da existência, que só entram nos seus planos enquanto um processo metabólico no qual a natureza e a sociedade são incorporadas pela necessidade da reprodução dos homens enquanto seres vivos. Falamos então de socialização da natureza e naturalização da sociedade para nos referir a esse processo, no qual a natureza é transformada em sociedade, à medida

> que a sociedade é transformada em natureza. A produção do espaço, que na reciprocidade é um processo de produção da sociedade, aparece nesse passo como um processo também de produção da natureza, sendo este todo processual o real meio ambiente. (...) É justamente em decorrência desse caráter espacial da evolução natural-social do planeta que o meio ambiente surge como problema. E em face do modo capitalista do arranjo do espaço ganhou o caráter catastrófico que conhecemos. Entra aqui seu aspecto de uma relação metabólica que, ao invés do valor de uso das antigas comunidades, leva a relação homem-natureza a orientar-se pelo valor de troca (MOREIRA, 2012, p. 103-104).

Ruy Moreira (na perspectiva da ciência geográfica) e Manoel de Barros (na perspectiva da arte) vão tratar o meio ambiente, no fundo, da mesma maneira: nadando contra a maré mercantil, na qual tudo vira mercadoria. Ruy Moreira aborda meio ambiente de maneira objetiva e Manoel de Barros, subjetiva.

Para Moreira (2012, p. 149), "o que acontece é que a ciência faz esse movimento de totalização pela via do conceito. E a arte o faz pelo caminho mais livre dos símbolos da significação, enfatizando o sentido e o significado".

Mesmo que essa ruptura seja difícil, porque está enraizada a concepção de natureza como recurso e útil ao homem, Manoel de Barros propõe outra relação com a natureza, estranha à visão capitalista contemporânea. Quem quer contemplar o ínfimo? Quem perde tempo se relacionando com a natureza de maneira poética? Esta proposta de ensino de Geografia é subversiva, pois a poesia de Manoel de Barros vai contra a corrente mercantil que vivemos na contemporaneidade.

Natureza é um conceito e "uma das características dos conteúdos conceituais é que a aprendizagem quase nunca pode ser

considerada acabada, já que sempre existe a possibilidade de ampliar ou aprofundar seu conhecimento, de fazê-la mais significativa" (ZABALA, 1998, p. 43). Ou seja, trabalhar o meio ambiente como um conteúdo conceitual, mas, principalmente, como um conteúdo atitudinal. Segundo Zabala (1998. p. 46):

> As atitudes são tendências ou predisposições relativamente estáveis das pessoas para atuar de certa maneira. São a forma como cada pessoa realiza sua conduta de acordo com valores determinados. Assim, são exemplo de atitudes: cooperar com o grupo, ajudar os colegas, respeitar o meio ambiente, participar das tarefas escolares, etc.

A partir do momento em que se escolhe trabalhar meio ambiente através das poesias de Manoel de Barros como um conteúdo atitudinal, se quer "uma tomada de posição, um envolvimento afetivo e uma revisão e avaliação da própria atuação" do aluno (ZABALA 1998, p. 48). Por isso a opção de abordar meio ambiente como conteúdo atitudinal.

Ao escolher a poesia de Manoel de Barros para trabalhar com os alunos pobres da rede pública e da periferia de São Gonçalo, sabemos das diversas questões não pensadas por eles ou, se pensadas, não compartilhadas coletivamente.

Em Manoel de Barros damos valor ao ínfimo, ao que há na natureza de muito pequeno e que passa despercebido. É uma perspectiva pouco abordada, ainda mais no mundo megalomaníaco de hoje. O aluno suburbano tem, no máximo, um quintal pequenino que faz lembrar o título de um livro do poeta: "Meu quintal é maior que o mundo". Desejamos que os estudantes desnaturalizem o seu

quintal, o rio poluído, o que resta da mata ciliar, os pássaros que ainda resistem na cidade...

Parao aluno a pensar a natureza, antes se apresenta o trecho de uma poesia de Manoel de Barros que diz o que é poesia para ele: "Tudo aquilo que a nossa/civilização rejeita, pisa e mija em cima/serve para poesia". Prontamente, o aluno entende que Manoel de Barros nada contra a maré, contra a sociedade do consumo que, para o poeta, valemos pelo que temos, não pelo que somos. E quando eu perguntava aos alunos o que a "nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima", eles respondiam todos de uma vez: o pobre, o trabalhador, o homossexual, os atletas paraolímpicos (pois a atividade fora realizada logo após os Jogos Olímpicos de 2016). Eles entenderam que para ser tema de poesia precisava ser algo que não se compra e se vende, pelo contrário, precisava ser o que ninguém quer.

Há um trecho da poesia (sem título) que recorri para fazê-los compreender que mesmo no subúrbio podemos estabelecer uma relação com a natureza de intimidade. Segue abaixo:

Nasci para administrar o à toa
o em vão
o inútil.
Pertenço de fazer imagens.
Opero por semelhanças.
Retiro semelhanças de pessoas com árvores
de pessoas com rãs
de pessoas com pedras
etc. etc.
Retiro semelhanças de árvores comigo.
Não tenho habilidade pra clarezas.
Preciso de obter sabedoria vegetal.
(Sabedoria vegetal é receber com naturalidade uma rã no talo.)
E quando esteja apropriado para pedra, terei também sabedoria mineral.
(BARROS, 2016, p.40)

Quando Manoel de Barros fala em sabedoria vegetal, está falando de uma sabedoria em relação à natureza. Ao perguntar aos meus alunos se possuíam sabedoria vegetal, uns diziam que sim e outros que não. Havia uns com medo do sapo que amanhecia no quintal depois de uma chuvarada, outros que adoravam contemplar as flores... Assim, pensávamos juntos a relação com a natureza do morador da cidade.

Outro trecho de poesia, e que ninguém entendeu de imediato, foi este:

> Prefiro as máquinas que servem para não funcionar:
> Quando cheias de areia de formiga e musgo – elas
> podem um dia milagrar de flores.
> (BARROS, 2016, p.43)

Iniciou-se um diálogo com os alunos. Perguntei para que servem as máquinas em nossa sociedade e a resposta foi: para produzir mercadorias e, logo após, vendê-las e consumi-las. Disse, aos alunos, que é por isso que eles não estavam entendendo. Para Manoel de Barros, as máquinas servem para florescer. Isso é algo estranho para nós, porque rompe com uma ideia cristalizada de produção. O poeta não tem nada a ver com o capitalismo e com a nossa sociedade de consumo, por isso tanta criatividade e inovação, proporcionando um pensar diferente.

Problematizamos e nos deliciamos com Manoel de Barros. E se me perguntarem se foi difícil, para os alunos, entender, digo que não foi. À medida que íamos desvendand escrita do poeta, nos identificávamos muito com ele, até aqueles que tinham resistência a pensar como ele entendiam a mensagem.

Foram as aulas sobre natureza que trouxeram questões muito diferentes daquela visão cartesiana que estávamos acostumados. Ao invés de falar de conferências e problemas ambientais em uma perspectiva cartesiana, proposta no currículo mínimo do Estado do Rio de Janeiro, preferimos trazer a questão ambiental para a vivência de cada um no subúrbio. Assim, pensar o meio ambiente a partir da poesia do Manoel de Barros traz um novo olhar sobre o meio ambiente, em uma perspectiva poética.

As atividades por meio de Manoel de Barros para uma abordagem de natureza que promova aprendizagem

As atividades são importantes para pensar o ensino de Geografia, porque, como diz Cavalcanti (1998, p. 146), "no ensino, a atividade principal é a aprendizagem, cujo alvo é a construção do conhecimento". Para ela, "o raciocínio geográfico só é construído pelos alunos se for, o tempo todo, um processo do aluno, que dele parta e nele se desenvolva" (CAVALCANTI, 1998, p. 149).

A autora trata, justamente, da construção de conceitos de natureza e de sociedade como abordamos neste trabalho. Para Cavalcanti (1998, p. 149-150):

> [...] deve ter como referência inicial a prática vivida do aluno e os significados por ele atribuídos cotidianamente aos conceitos. Porém estudá-los, confrontá-los com as concepções científicas produzidas, deve levar a reformular seus significados e sentidos para produzir uma nova vivência. Ou seja: a aprendizagem dos conceitos de sociedade e de natureza, das relações entre eles, deve resultar, entre outras coisas, em atitudes e convicções dos alunos ante a questão ambiental, diferentes das do início do processo.

Foi justamente esse o caminho percorrido na proposta de construção de conceitos a partir do meio ambiente, trazendo sua relação com o meio ambiente urbano e a reflexão sobre essa relação. Ao final do processo, saímos todos mais conscientes.

Durante as atividades do questionário e da produção de poesias, os alunos foram ativos no processo. O papel do professor como mediador ao trabalhar com poesias, e nesse caso com poesias que rompam com uma concepção de meio ambiente enraizada, é essencial,assim que apresentará uma nova forma de conceber o meio ambiente através das poesias de Manoel de Barros.

Pensei essas atividades em uma metodologia de trabalhos independentes, com os alunos compreendendo o meio ambiente diferente do que provavelmente sempre aprenderam na escola, como recurso. Esse meio ambiente de Manoel de Barros, holístico e humanizado, era quase o oposto da realidade do meio ambiente da periferia de São Gonçalo. A estratégia utilizada foi retirar do autor sua contemplação do ínfimo, pois sabemos que os alunos vivem em casas pequenas, com pequenos quintais e somente com uma relação negativa do meio ambiente do bairro, porque o rio virou valão, as árvores são cortadas, enfim, buscamos, no ínfimo, um pássaro que todos os dias vai até a casa, uma árvore frutífera plantada no quintal, ou uma rã que aparece depois de uma tempestade. Pedi que relatassem no questionário e fizessem poesias com relação à natureza do ínfimo.

O passo a passo da aula se deu da seguinte forma: Com o título "Manoel de Barros e sua poesia da natureza", primeiro selecionei algumas as poesias que tratavam da natureza para, assim, apresentá-las aos alunos. As poesias escolhidas foram retiradas do livro "Livro sobre Nada". Em seguida, foi apresentado o poeta Manoel

de Barros à turma: narrou-se a história de Manoel de Barros, sua relação com a poesia e qual foi a sua relação com a natureza, que influenciou decisivamente na sua concepção sobre ela. Logo após essa apresentação, perguntei aos alunos para que serve a poesia e apresentei a poesia de Manoel de Barros que reflete sobre essa questão. Depois disso, foram apresentadas outras poesias que tratavam da natureza. Elas foram pensadas com a turma e pedi para que os alunos recitassem as poesias do "Livro sobre Nada" e "Meu quintal é maior do que o mundo". Após a reflexão das poesias de Manoel de Barros, que pensam a natureza poeticamente, propus algumas perguntas para serem respondidas individualmente e, em seguida, os alunos produziram desenhos e poesias sobre o Meio Ambiente local.

As perguntas a serem respondidas foram as seguintes:

Figura 1: Questionário sobre Manoel de Barros e a inutilidade da natureza

Atividade de Geografia.

Título: Manoel de Barros e a sua poesia da natureza.

Professora: [redacted].

1)Após a reflexão das poesias de Manoel de Barros que pensam a natureza poeticamente, propor algumas perguntas para serem respondidas individualmente. As perguntas são as seguintes:

a) Como é a relação do ser humano hoje com a natureza? Se aproxima da maneira de pensar do Manoel de Barros? Explique:

---

b) Como é sua relação com a natureza?

---

c) Como é a relação das autoridades brasileiras com a natureza?

---

d) A natureza deve ser sempre útil ao homem? Quando ela deve ser inútil?

---

e)Você se identifica com a maneira que Manoel de Barros vê a natureza e se relaciona com ela? Explique:

Fonte: Autor.

As respostas revelaram que os alunos se tornaram mais conscientes de sua relação com o meio ambiente urbano em que vivem e que essas relações têm importância para serem pensadas na escola, nas aulas de Geografia. Da pergunta "b" (Como é sua relação

com a natureza?), escolhemos algumas respostas para ilustrar nosso trabalho:

> Considero uma boa relação, porque não poluo, desmato ou faço qualquer tipo de coisa para prejudicar a natureza, adoro uma atividade ao ar livre, respirar ar puro e sentir a brisa do horizonte. (ALUNO 1)
>
> Eu não tenho nenhuma relação porque os rios são poluídos. Os rios são todos poluídos. (ALUNO 2)
>
> Nenhum. Porque onde eu moro os rios já são poluídos e não tenho muito contato com a natureza. (ALUNO 3)
>
> Amo planta. Cada flor, cada árvore, eu as considero incríveis e fortes e principalmente lindas. (ALUNO 4)
>
> Quase nenhuma. Porque onde eu moro não se tem como ter uma boa relação com a natureza. Rios poluídos, desmatamentos e etc... (ALUNO 5, SIC)

Os alunos da turma 1004 entenderam bem que a visão de natureza em nossa sociedade capitalista é totalmente diferente da visão de Manoel de Barros. Identificando-se ou não com o poeta, eles aprenderam que há uma outra possibilidade de se relacionar com a natureza, diferente daquela naturalizante e negativa da periferia.

Em relação à pergunta "e" (Você se identifica com a maneira que Manoel de Barros vê a natureza e se relaciona com ela? Explique.), obtivemos as seguintes respostas:

> Sim. Eu observo os pássaros, as árvores, até mesmo a terra e tudo que para muitos é inútil. Para mim, passa a ser útil, apenas observo. (ALUNO 1)
>
> Não me identifico, mais eu queria muito ter um lugar que o rio fosse limpo. A natureza fosse bela,

> porque a nossa daqui está mais que poluída. (ALUNO 2, SIC)
>
> Sim. Pois é uma maneira singela, pura e boa de enxergar a natureza, uma admiração, contemplação, uma simplicidade tremenda, onde pela minha interpretação pessoal ele apenas quis dizer para respeitar mais e mais a natureza. (ALUNO 3)
>
> Sim. Pois no mundo nem tudo tem valor comercial, porque dinheiro não traz felicidade, a felicidade vem das coisas simples. (ALUNO 4)
>
> Não. Porque em um mundo tecnológico as vezes é difícil para um jovem se relacionar com a natureza, mais me importo com ela. (ALUNO 5, SIC)

Os alunos entenderam que, mesmo o meio ambiente urbano degradado, podemos resgatar o respeito ao que resta de natureza no bairro/local, além de contemplar o pouco que resta na perspectiva do ínfimo, como fazia Manoel de Barros na fazenda em que foi criado, não por falta do que contemplar, mais por uma opção pelo simples e pequeno, opção que nossos alunos não possuem. Trazer para sala de aula a natureza que nos resta em sua beleza faz com que compreendamos por que o ser humano destrói tanto a natureza: porque não é capaz de contemplar as pequenas coisas desse sistema maior que se chama meio ambiente.

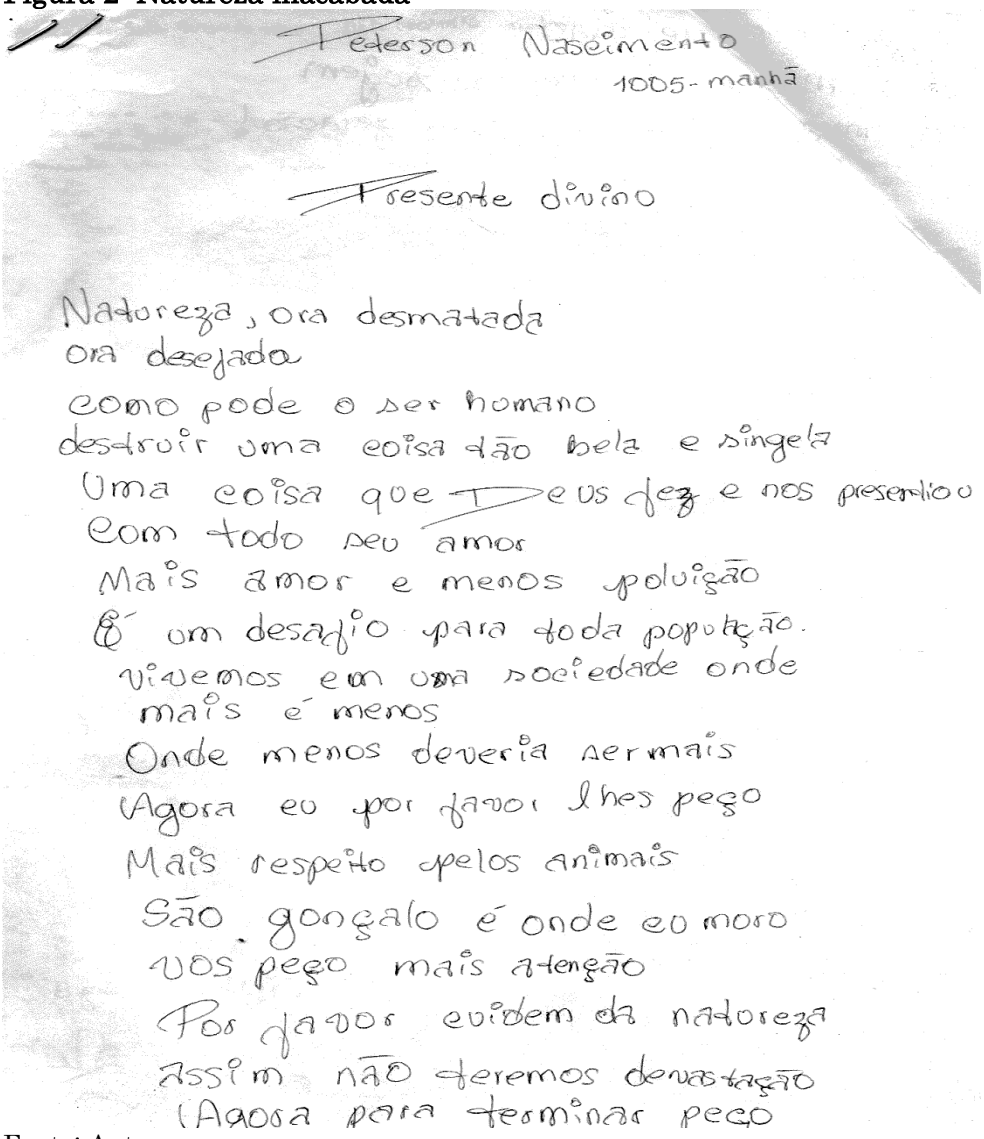
Os alunos também entendem que, por tratar a natureza como recurso, toda a natureza se torna mercadoria. Assim, fica claro o porquê do rio poluído no bairro, o porquê da retirada da Mata Ciliar, o porquê da pouca arborização do bairro. Uns alunos pensam como Manoel de Barros e relataram sua harmonia com a natureza; outros alunos não pensam como o poeta, ou seja, não têm uma relação íntima com a natureza, mas a querem preservada. Por fim, um aluno relata que, para um jovem num mundo tecnológico, às vezes é difícil

se relacionar com a natureza, mas se importa com ela. Fica claro que nenhum deles concorda com a situação ambiental do bairro suburbano em que moram.

Sendo assim, acreditamos que a poesia do Manoel de Barros os levou a pensar que existe outra maneira de se relacionar com a natureza, uma maneira mais humana e menos mercantil. Talvez nunca tenham tido uma aula sobre meio ambiente, muito menos sobre o meio ambiente local através da poesia que subvertesse a concepção de natureza dos livros didáticos de Geografia. A natureza não se reduz a recurso e mercadoria para o ser humano, por isso o assunto foi encarado como conteúdo atitudinal para que, ao terminarem o Ensino Médio, nossos alunos possam tratar a natureza com respeito e intervir na sociedade para uma mudança coletiva de relação sociedade-natureza.

Quanto à produção proposta aos estudantes, foi dada bastante liberdade a eles e o que se notou foi que o ínfimo, o pequeno na poesia da natureza do Manoel de Barros foi representado nos desenhos de alguns deles. Um desenhou um sapo, pássaros e árvores cortadas no tronco. Abaixo, vemos algumas das produções realizadas.

Figura 2: Natureza inacabada



Pedesson Naseimento
1005 - manhã

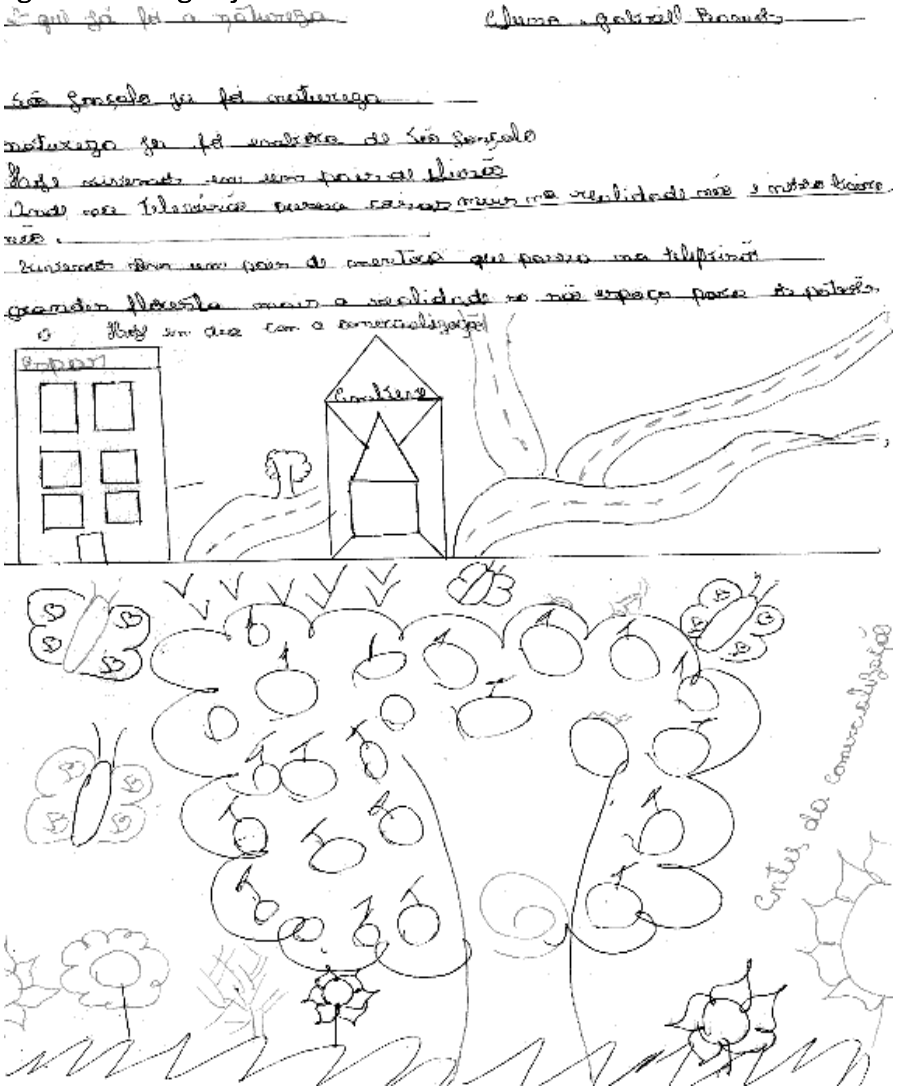
Presente divino

Natureza, ora desmatada
ora desejada
como pode o ser homano
desdroir uma coisa tão bela e singela
Uma coisa que Deus fez e nos presentiou
Com todo seu amor
Mais amor e menos poluição
É um desafio para toda população.
vivemos em uma sociedade onde
mais é menos
Onde menos deveria ser mais
Agora eu por favor lhes peço
Mais respeito pelos animais
São gonçalo é onde eu moro
vos peço mais atenção
Por favor evitem da natureza
Assim não teremos devastação
Agora para terminar peço

Fonte: Autor.

A poesia do aluno 1 faz uma crítica à destruição da natureza e, ao mesmo tempo, retrata, de maneira poética, as belezas dessa natureza. Ele ainda diz que "vivemos em uma sociedade onde mais é menos /Onde menos deveria ser mais" e assim trata da inversão de valores em nossa sociedade. O aluno, ao falar de Deus, traz uma concepção holística de natureza. Pensa-a em a sua totalidade.

Figura 3: Indignação e natureza no meio urbano



Fonte: Autor

O aluno 2 faz uma forte crítica à mídia, que não fala de sua realidade local de São Gonçalo. Mostra a sua indignação em relação à natureza gonçalense maltratada. O aluno diferenciou bem a natureza antes da comercialização e hoje em dia. Incomoda-o a sua realidade de suburbano não passar na televisão. Penso que trazer para a discussão em sala de aula o meio ambiente do bairro, e não

negligenciar, despertou o desejo neste aluno de que a sociedade e a mídia deem atenção às questões urbano-ambientais do bairro.

Muitos foram os desenhos e as poesias que trouxeram à tona questões até então ocultas no currículo escolar, que não tratava da questão ambiental gonçalense.

Este artigo está articulado a pensar as aulas de Geografia a partir da poesia e, para isso, trouxemos a poesia de Manoel de Barros para subverter a visão capitalista de meio ambiente através de uma aula dialogada na qual realizamos atividades reflexivas, com questionário, desenhos e produção de poesias.

O lugar também merece espaço em nossas reflexões sobre as aulas de Geografia a partir da poesia para ensinar meio ambiente, até porque tratamos o tempo todo do meio ambiente local, do bairro Luiz Caçador em São Gonçalo.

Para Chaveiro (2014, p. 269):

> A interpretação qualitativa do lugar pode ser inquerida por esse questionamento: como começa e onde termina o lugar? A interpretação dada pelo paradigma socioespacial é: não há como medir os lugares, desde que a interpretação efetuada tenha como mote a leitura de suas qualidades e de seus sentidos. Mas há que se advertir: tudo que possui sentido é social e historicamente construído, portanto o lugar é formado por componentes materiais que os constroem.

Foi nas aulas de Geografia que a materialidade do rio poluído e da ausência de árvores revelou uma imaterialidade cruel com o lugar do subúrbio. Suas representações e o sentido que dá ao meio ambiente são, na maioria das vezes, negativos.Essa expressão "O lugar é feio" está na fala de muitos alunos, mas, com o ínfimo, foi resgatado, através da natureza de Manoel de Barros, uma nova

relação com o meio ambiente. A inutilidade da natureza proposta na poesia de Manoel de Barros deu um novo sentido ao lugar, ao cotidiano.

Conclusão

Poder proporcionar aos alunos da rede pública Estadual do Rio de Janeiro uma reflexão sobre o meio ambiente e a sustentabilidade a partir do poeta Manoel de Barros é tecer artesanalmente os fios do conhecimento e mudança de atitude sobre o tema. Saber que os alunos não verão a natureza somente como recurso é gratificante.

O professor-pesquisador também é importante nesse processo. Buscar novas leituras, novas práticas, não se acomodar em uma prática cristalizada pode proporcionar aos alunos uma aprendizagem consistente e cidadã.

Para falar da importância da Geografia, trazemos um fragmento do texto do Professor Manoel Fernandes de Souza Neto chamado "Das coisas sem serventia uma delas é a geografia".

> As pessoas podem até não acreditar, mas a ciência geográfica tem uma utilidade que poucos conseguem ver, pois um dos papéis que cumpre é justamente o de cegar a sociedade, desde a infância, de uma leitura da produção social deste espaço cheio de contradições. Por outro lado, como em tudo mais, o fazer científico só serve quando feito por prazer, coisa esquecida nestes tempos cabeludos em que viver para a felicidade é quase um crime, parafraseando Brecht. A Geografia, assim como a criança, é um perigo para os homens sérios que fazem do lucro seu sentido existencial, porque no meio da brincadeira ela pode deixar muitos reis completamente nus. (SOUSA NETO, 2008, p. 65)

Manoel Fernandes trata de duas geografias: uma que ainda persiste e não promove questionamento; e outra que é ameaçadora aos poderosos, que faz com que o aluno pobre da rede pública e da periferia tome consciência de sua condição e o instrumentalize a romper com uma condição de pobreza e ser feliz, apesar de ser quase um crime hoje em dia.

Manoel de Barros fez a diferença em sua maneira de ver a natureza em nossas aulas no subúrbio. Mostramos que é possível superarmos uma visão cartesiana e positivista de Geografia, de meio ambiente e de sustentabilidade. A aula, a partir da poesia, não vem pronta e é aí que entra o professor-mediador com a sua criatividade e proposta de trabalho que, por não ser pronta, permite o inesperado e a construção do conhecimento.

Referênciasbibliográficas

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, SariKnopp. *Investigação qualitativa em educação.* Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. *Ensino de Geografia*. São Paulo: Cengage Learning,1ª ed. 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: SP, Papirus. 1998.

CHAVEIRO,Eguimar Felício.Corporeidade e Lugar elos da produção daexistência.In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo;HOLZER,Wherther; OLIVEIRA,Lívia de. *Qual o espaço do lugar?*São Paulo: Perspectiva, 2014.

HAESBAERT, Rogério. Território, Poesia e Identidade. *Espaço e Cultura*, nº 3, p. 20-32, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática e Trabalho Docente: a mediação didática do professor nas aulas. *In*: LIBÂNEO, José Carlos;

SUANNO, Marilda V. R.; LIMONTA, Sandra V. (Org.). *Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: d*iferentes olhares para a didática**.** 1ed. Goiânia (GO): CEPED/Editora da PUC Goiás, 2011, p. 85-100.

MOREIRA, Ruy. *Geografia e práxis:* a presença do espaço na teoria e na prática geográfica. São Paulo: Contexto, 2012.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. *A consciência e a mediação:* um estudo sobre as didáticas contemporâneas dos professores de geografia da rede pública de São Paulo e do Rio de Janeiro. 325 f. São Paulo, Tese de doutorado. Pós-Graduação em Geografia Física – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras – USP. 2012.

SANTANA FILHO, Manoel Martins. A invenção da sustentabilidade, as vivências e as possibilidades de vida como práticas contemporâneas. *In*: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charlles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins. *Ensino de Geografia*: produção do espaço e processos formativos. Rio de Janeiro: Consequência. 2015, p.131-141.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. *Aula de geografia e algumas crônicas.* 2ª edição, Campina Grande, Bagagem. 2008.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa*: como ensinar. Porto Alegre. Artmed, 1998.

Submetido em: 20 de setembro de 2019.

Devolvido para revisão em: 16 de janeiro de 2020.

Aprovado em: 05 de fevereiro de 2020.

Como citar este artigo:

CAMPOS, Aline Mello. A inutilidade da natureza em Manoel de Barros como proposta subversiva nas aulas de Geografia. **Terra Livre**, v. 2, n. 53, p. 478-506, jul.-dez./2019.